

O Camponês

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

Lutemos pela jorna de 70\$00 para homens e 47\$00 para mulheres com o horário das 8 horas!

Rodeemos as máquinas e não permitamos que elas trabalhem enquanto houver braços parados!

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

AVANTE NA LUTA POR MELHORES JORNAS NAS CEIFAS!

Não poucas vezes os agrários, através de reuniões nos seus organismos corporativos, da imprensa diária e do seu governo salazarista, têm lamentado a falta de braços para os trabalhos do campo devido à emigração para o estrangeiro e centros industriais, e as «elevadas» jornas que ganham os assalariados rurais nos trabalhos agrícolas.

Não há dúvida que existe uma grande transformação motivada pela introdução e desenvolvimento da mecanização no campo, que em capitalismo significa mais desemprego, portanto, mais fome e miséria.

Acossados pelo desemprego, perseguidos pelas forças repressivas às ordens dos agrários por lutarmos por melhores jornas e espancados por irmos buscar umas bolotas para matarmos a fome; fugindo à mobilização para a criminoso guerra nas colônias, muitos dos nossos companheiros emigraram para os centros industriais e para o estrangeiro. Com efeito, os agrários hoje não dispõem daqueles milhares de operários agrícolas à «boa vida», que dispunham durante todo o ano, mesmo durante as ceifas. Agora, embora ainda exista desemprego em certas regiões, em certas fases dos trabalhos agrícolas, têm que satisfazer as nossas reivindicações quando lutamos por elas ou ficam com os trabalhos por fazer, porque não dispõem dessa reserva de desempregados que, para não morrerem de fome, se sujeitavam muitas vezes a ser manejados pelos agrários contra os seus irmãos de classe em luta.

Na realidade, de há uns anos para cá, devido à nossa luta, recebemos jornas mais elevadas. Mas significa isto que passámos a poder comprar um avio maior e melhor?

Todos sabemos que não. Os aumentos de jorna que temos conquistado já estão ultrapassados pelo aumento do custo de vida. A diferença entre a nossa pobreza e a riqueza dos agrários é cada vez maior.

Organizemos a nossa luta

As ceifas estão à porta. Já não é nada cedo para começarmos a organizar a luta, fazendo reuniões de trabalhadores para assentarmos no

continuum a andar sub-alimentados, rotos, quase descalços e a viver espremidos entre 4 paredes enquanto eles continuam a levar uma vida faustosa e aumentando cada vez mais as suas fortunas.

caminho da luta a seguir, constituindo *Comissões de Unidade* com homens e mulheres dispostos a fazer
(continua na 3.ª pág.)

COMEMOREMOS O 1º DE MAIO

Até 1962 o 1º de Maio, dia dos trabalhadores, pouco nos dizia a nós, trabalhadores do campo. O nosso horário de trabalho, na Primavera e no Verão, por os dias serem maiores, era de sol a sol. No Outono e Inverno, quando os dias são mais pequenos, principalmente durante as sementeiras, pegávamos no trabalho uma hora e mais antes do nascer do sol. Só a partir desse ano conseguimos, com a luta de 200 mil trabalhadores, romper essa tradição de tipo feudal e impor aos agrários e seu governo fascista, o horário das 8 horas no campo.

Se a uma boa parte dos trabalhadores das várias classes profissionais do nosso país lhes foi legada pelos seus antepassados a histórica conquista do horário das 8 horas, nós temos orgulho em afirmar que foi a nossa geração que a conquistou. Temos sido nós que valentemente temos defendido esta conquista, enfrentando e destruindo todas as tentativas dos agrários e do seu governo para nos imporem os antigos horários, que eles recordam com tanta saudade.

Esta nossa vitória tem que ser levada a todas as vilas e aldeias, montes e ranchos, para que toda a nossa classe disfrute dela e a defenda com a mesma coragem com que a conquistou. Para isso é necessário procurarmos formas de falarmos com os trabalhadores que ainda trabalham sem o horário das 8 horas e não comemoram o dia dos trabalhadores para os orientarmos a impô-lo e a comemorar este dia.

Tal como nos anos anteriores, onde o 1º de Maio é comemorado, também este ano o devemos comemorar não comparecendo ao trabalho, fazendo reuniões de trabalhadores para combinarmos as condições e jornas para as ceifas, arrozais, tiradas de cortiça, carvoarias e outros trabalhos; fazendo bailes, piqueniques, passeios, jantares de confraternização, e onde seja essa a vontade dos trabalhadores façamos manifestações de rua e gritemos: Abaixo a guerra colonial! Nem mais um soldado para as colônias e o regresso imediato dos que lá estão! Abaixo o aumento do custo de vida! Liberdade para os presos políticos! Amnistia!



ORGANIZEMOS AS NOSSAS LUTAS

Não se consta que algum patrão tivesse ido aos ranchos que trás por sua conta para dizer que ia elevar a jorna, porque os trabalhadores o mereciam. Pelo contrário. Montados num bom cavalo ou de automóvel, quando vão aos ranchos é para dizerem ao manageiro que estamos a trabalhar devagar, ou que na semana seguinte nos vai baixar a jorna. Se nós deixássemos, e eles a pudessem vender para aumentar as suas fortunas, até a pele nos tiravam.

A vida sempre nos tem demonstrado, que só com a luta temos conseguido melhores jornas e melhores condições de trabalho. Quanto mais organizados, unidos e firmes estivermos mais depressa alcançamos o que pretendemos. Não somos só nós, trabalhadores, a saber que assim é. Os próprios patrões também o sabem. Por isso eles recorrem a todos os processos para impedirem que nos organizemos e

nos unamos para a luta. Para nos atemorizarem chamam «conspirações» às nossas reivindicações e dizem que não-de descobrir quem são os «cabeças», quando não pedem a intervenção da guarda republicana, da pide, etc.. Para nos dividir vão buscar ranchos a terras de outras regiões.

Temos de reconhecer, que se em muitos casos estas manobras dos patrões se desfazem contra a organização, unidade e firmeza da nossa luta, outras, por falta disso, têm lhes dado bons resultados. Ainda recentemente um rancho de trabalhadores, que andava a esgalhar numa herdade da região de Pégões, com a jorna de 50\$00 e o horário das 8 horas, exigiu que o patrão lhes fizesse o pagamento no próprio trabalho, porque pelo facto de terem de ir receber ao Monte, só a altas horas da noite chegavam a casa. O agrário barafustou, ameaçou descobrir o «cabeça da conspira-

ção» e não quis satisfazer a reivindicação. Na 2ª feira apenas um trabalhador compareceu ao trabalho. A noite, o manageiro teve de andar de porta em porta a dizer aos que não tinham comparecido, que o patrão passaria a fazer o pagamento no trabalho.

Um outro rancho de Montemor, que andava nos trabalhos de carvoaria com a jorna de 34\$00 e o horário das 8 horas, exigiu um aumento de 6\$00 por dia. Perante a unidade e firmeza dos trabalhadores o patrão não teve outro remédio senão pagar os 40\$00.

Porque é que as reivindicações destes nossos companheiros foram satisfeitas? Foi porque organizaram a luta e lutaram unidos e firmes. O agrário da região de Pégões não podia fazer a esgalha só com o «amarelo» que compareceu ao trabalho, assim como o de Montemor não podia fazer os trabalhos de carvoaria sem nenhum trabalhador.

Alarguemos e fortaleçamos a nossa unidade

Mas os patrões não se conformam com as nossas vitórias. Ficam a remoer as suas derrotas e procuram contra-atacar. O facto do agrário de Montemor ter contratado um rancho de S. Bartolomeu do Outeiro com jornas mais baixas e sem o horário das 8 horas, despedindo os nossos companheiros que tinham conquistado a jorna de 40\$00, são, entre outros, um exemplo disso. Mas isto não nos deve levar a aceitar de braços cruzados esta vitória do patrão. O rancho despedido devia-se ter reunido imediatamente para encontrar formas de falar com o rancho de fora e dar-lhes a conhecer as reivindicações dos trabalhadores da região e os motivos por que o agrário os foi contratar. Não poucas vezes, depois destas conversas, os ranchos de fora se têm unido aos da terra para exigirem as mesmas reivindicações e, por não serem satisfeitas, regressado às suas terras onde, com a luta, as têm imposto aos patrões da sua região. Como exemplo, recordamos que fez agora precisamente um ano, que um rancho de Benavila, a quem o patrão tinha ido buscar para ir trabalhar para Avis com a jorna de 30\$00 e de sol a sol, ao ter conhecimento que os

trabalhadores desta terra exigiam 35\$00 com o horário das 8 horas reivindicaram essa mesma jorna e esse mesmo horário. Por o patrão não querer satisfazer essas reivindicações voltaram para a sua terra onde passaram a exigir, para o mesmo género de trabalho, as condições que reivindicaram em Avis.

É verdade que, para defender os interesses dos agrários, o governo salazarista pôs à disposição deles todo o aparelho repressivo, que está sempre pronto a abafar, seja de que maneira for, tudo que nos ajude a organizar e unir na luta por melhores condições de vida. Porém, isso não quer dizer, que não possamos organizar a nossa luta, alargar e fortalecer a nossa unidade.

Os trabalhadores de cada terra e de cada região devem procurar encontrar as formas de organizar a luta para a conquista das suas reivindicações, fazendo reuniões de trabalhadores, criando comissões de unidade com homens e mulheres dispostos a orientar-nos na acção, a terem conversas com comissões de outras terras, com trabalhadores de terras onde elas ainda não existam, encorajando-os a criá-las e a fazerem também reuniões para discutirem os seus problemas. Só assim criaremos a unidade necessária para impormos as nossas reivindicações. Só assim poderemos destruir todas as tentativas dos patrões para nos dividir.

COMPANHEIROS!

Prestemos a nossa solidariedade operária aos presos políticos e suas famílias, enviando-lhes dinheiro, roupas, géneros alimentícios, tabaco, etc, etc.

Enviemos cartas e postais ao Presidente da República — Cascais, ao Ministro da Justiça — G. Arsenal — Lisboa 2 e à Assembleia Na-

cional—Largo das Cortes—Lisboa 2, reclamando uma Amnistia geral para os presos políticos.

Nos muros, nas estradas e onde for possível escrevamos: **LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS! AMNISTIA! ABAIXO A PIDE! ABAIXO O FASCISMO!**

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

(continuação da 1.ª pág.)

zerem chegar as nossas palavras de ordem e coordenar a acção entre os ceifeiros e ceifeiras de outras terras e outros ranchos. Só assim criaremos uma larga unidade, tão necessária à nossa luta, para impormos as nossas reivindicações aos agrários.

Mesmo apesar da protecção descarada do governo salazarista aos agrários, que ainda em 1965 lhes concedeu 30 mil contos para a aquisição de ceifeiras debulhadoras e ceifeiras atadoras para impedir que conquistássemos melhores jornas, nós podemos, se lutarmos unidos, forçá-los a elevá-las. As máquinas não trabalham sôzinhas. São precisos homens para as conduzirem, abrir «ruas», e há searas que só com

os nossos braços podem ser ceifadas. É necessário que chamemos os tractoristas à luta e que se recusem a trabalhar com as máquinas enquanto houver braços parados.

Não se compreende que nalgumas regiões as mulheres só recebam metade da jorna do homem quando noutras elas recebem três quartas partes. Nada há que justifique essa diferença na jorna, porque se o homem leva 3 margens a mulher leva duas. É verdade que normalmente o homem ata a palha e a mulher não. Mas não é menos verdade, que enquanto o homem ata a mulher não está parada. Ela vai ceifar ou apanhar a palha para ele atar.

CEIFEIROS E CEIFEIRAS! TRACTORISTAS!

Nas nossas reuniões e em todas as nossas conversas a palavra de ordem deve ser: **NENHUM HOMEM OU MULHER DEVE PEGAR NA FOICE PARA CEIFAR POR MENOS DE 70\$00 E 47\$00 À JORNA COM O HORÁRIO DAS 8 HORAS! NENHUM TRACTORISTA DEVE TRABALHAR COM AS CEIFEIRAS POR MENOS DA JORNA DE 100\$00 E COM O HORÁRIO DAS 8 HORAS!**

Onde os agrários tentarem deixar estragar as searas para não satisfazerem as nossas reivindicações,

concentremo-nos na Casa do Povo' na Câmara, Governo Civil e autoridades locais e exijamos que os obriguem a mandar ceifá-las. Se não formos atendidos não nos deixemos morrer à fome! Unidos com o **único** só homem **VAMOS BUSCAR O COMER ONDE O HOUEVER!** Onde os tractoristas não se quiserem solidarizar com a nossa luta rodeemos as máquinas e não permitamos que elas trabalhem enquanto houver braços parados!

Unidos e firmes conquistaremos melhores jornas!

Auxílio a « O Camponês »

Continuamos a publicar todas as dádivas enviadas pelos nossos leitores e amigos.

| | |
|--|----------------|
| Amnistia aos presos políticos | 5\$00 |
| Auxílio para « O Camponês » | 165\$00 |
| IDEM | 8\$50 |
| IDEM | 82\$50 |
| Fora com Salazar | 2\$50 |
| Furgoneta usada « O Camponês » dá luz à vida | 40\$00 |
| Ódio a Salazar | 19\$00 |
| Idem | 20\$00 |
| Idem | 20\$00 |
| « O Camponês » espera pela tua ajuda | 20\$00 |
| Para « O Camponês » | 38\$50 |
| Rela Reforma Agrária | 30\$00 |
| Idem | 22\$50 |
| Idem | 20\$00 |
| Idem | 30\$00 |
| Idem | 6\$50 |
| Total | 530\$00 |

OS NÚMEROS DA FOME

(continuação da 4.ª pág.)

estas dispunham de um nível calórico quase duplo do daqueles. Se viermos para o sul, para o Ribatejo e o Alto Alentejo chega a parecer impossível que ainda aí exista alguém além dos agrários e dos burgueses, já que a média de calorias consumidas diariamente pelo povo era de 1.109 e 1.292 respectivamente. Segundo os especialistas, o mínimo necessário a um trabalhador que forneça um esforço ligeiro é de 2.100 calorias, o referente a um trabalhador rural é de 3.500 (os nossos alimentam-se pois com menos de terça parte), o de um operário metalúrgico 4.300, o de um carregador 5.000 e o de um mineiro 5.500.

Quanto ao consumo diário e por pessoa de proteínas de origem animal, o panorama é ainda mais con-

Escutai Rádio Portugal Livre

Emissora Portuguesa ao serviço do Povo da Democracia e da Independência Nacional.

Transmite diariamente, das: 8 às 8,30 em 25 metros; 20 às 20,30 em 32 metros; 22,15 às 22,45 em 32 metros; 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros. Aos domingos transmite das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros



Voz da Liberdade

Emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional.

Transmite às Quartas e Sábados a partir da 1,15 em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e em ondas médias de 230, 320 e 550 metros.

Rádio Moscovo

Transmite diariamente das: 19,30 às 20 horas e das 20,30 às 21 nas bandas de 21, 31 e 40 metros.

frangedor: as famílias ricas do Minho consumiam em média 18 gramas, e as pobres nem um grama sequer; na mesma situação estavam as massas da província do Douro Litoral, contra 26 gramas dos ricos existentes. No Alto Alentejo e no Ribatejo, os pobres consumiam 6 e 9 gramas, enquanto os ricos atingiam já perto de 30.

Quanto às gorduras de origem animal, as famílias ricas do Minho e do Douro Litoral consumiam 22 e 61 gramas, ao passo que as pobres não chegavam a ingerir um único grama em qualquer dessas províncias. No Alto Alentejo, o povo dispunha de 36 gramas, e as classes abastadas 100, o que constitui quase o triplo daquele número.

São estes os números da nossa fome.

AS GUERRAS COLONIAIS

E A SUA ORIGEM

GES
PCP

Em Fevereiro entrou novo ano de guerra colonial ou seja já o sétimo. Apesar de várias vezes os salazaristas terem anunciado que já tudo tinha terminado e que a presença das tropas portuguesas se limitava ao resto de acções de limpeza e de prevenção contra o terrorismo vindo do exterior, as mortes de soldados portugueses que as autoridades fascistas se vêm obrigados a publicar nos jornais diários, ainda que falseando os números reais, indicam ao povo português que a verdade dos factos lhes é escondida; que a origem das guerras não está na vinda de «terroristas do exterior» mas sim na exploração e opressão de que têm sido vítimas os povos das colónias através dos séculos de domínio colonialista português.

É um operário agrícola do Alentejo, que ao encontrar-se com um trabalhador de outra região que esteve em Angola, que ao fazer-lhe perguntas simples, mas significativas, nos dá um quadro de quanto isso é verdade, de quanto miseráveis são as condições dos nossos irmãos africanos.

Pergunta: — Você esteve 2 anos em Angola a fazer o quê?

Resposta: — Estive a mandar pretos na cultura de algodão e café. Eram 20 que eu guardava, mas sempre de metralhadora em punho! Eles coitados andavam sempre de cabeça baixa. De vez em quando alguns churavam e diziam que mais valia morrer do que trabalhar com aquela amargura...

Perg: — Não os tratava mal além disso? Quanto ganhavam por dia?

Resp: — Todos os dias os agentes da Pide vigiavam aquele trabalho e perguntavam ao capataz o que eles diziam. Se o capataz dizia o que ouvia levavam-nos logo para a prisão e lá até os matavam com maus tratos. Você não sabe? Lá matam um preto como aqui a gente mata um coelho!

Quanto a salários eram de 12\$00 por dia e tinham que pagar um imposto de trabalho de 200\$00 no fim do ano ao Estado. Além disso muitas vezes trabalhavam 4 e 5 dias para um patrão e quando pedem o dinheiro não lho dão e ainda os ameaçam com a prisão.

Depois destas respostas ficamos

a compreender melhor, porque é que os povos das colónias pegaram em armas e só as largarão quando expulsarem para sempre os opressores e exploradores do seu solo pátrio.

Os interesses da Nação, os interesses do povo português e dos povos coloniais exigem o fim imediato destas criminosas guerras, o regresso dos soldados e a independência das colónias. A camarilha de Salazar entrega Portugal aos seus patrões imperialistas para eles lhes aguentar as colónias. Os colonialistas serão inevitavelmente derrotados. Nem os 100 mil soldados expedicionários, nem o auxílio dos seus patrões da NATO, nem o arrancar olhos, cortar cabeças, braços, pernas, sexos dos negros; nem queimá-los ou enterrá-los em vida ou incendiar as suas aldeias com bombas «NAPALM»; nem o atirar com negros vivos dos aviões para o solo ou dos barcos para o oceano; nem o violentar mulheres e matar crianças salvará o «império colonial português» da derrocada certa nem impedirá a vitória das forças patrióticas.

Trabalhadores! Ajudemos a luta dos nossos aliados contra o mesmo inimigo — a ditadura de Salazar. As pessoas mais combativas devem promover reuniões e conversas individuais com os jovens que vão para a tropa e com os soldados para os esclarecer do carácter criminoso destas guerras, ensinar-lhes como se devem organizar dentro dos quartéis em comités de soldados para dirigir a luta. A palavra de ordem deve ser: **Soldado! Recusa-te a partir para as colónias! Não queiras ser carne de canhão! Organiza-te com os teus companheiros e resiste e partir.**

Os trabalhadores devem intensificar a luta contra a carestia e por melhores jornadas. Os camponeses e os comerciantes devem-se organizar e lutar contra os impostos de guerra.

Escrevamos às autoridades cartas e façamos inscrições por todo o lado: **Independência para as colónias! Regresso dos soldados!**

Nem mais um soldado para as colónias! Absixo a guerra e o fascismo!

OS NÚMEROS DA FOME

Para a fome não há números que a exprimam completamente. Quem a sente é que a conhece. E o nosso povo daria sem dúvida melhores lições sobre este assunto do que os anafados catedráticos do governo.

As estatísticas oficiais publicadas em revistas e de que os jornais tantas vezes se fazem eco, apresentam-nos apenas números médios que naturalmente não revelam em toda a sua crueza a vida inteira de sub-alimentação sofrida pelo nosso povo. Mesmo assim, sendo a média geral de ricos e pobres, já traduzem o espantoso atraso do nosso país e colocam-no nitidamente no último lugar da escala europeia. O número de calorias diariamente consumidas nessa média geral anda praticamente pelo nível que os especialistas consideram de mínimo vital. Fácil é portanto concluir que a grande massa do povo passa fome e muita fome, debilitando o corpo, sujeitando-se a doenças e padecimentos constantes, apressando a morte, enfra-

quecendo a raça.

Embora as autoridades fascistas não estejam interessadas em promover inquéritos com base nas diferenças sociais de classe, possuímos alguns números que constam dos inquéritos alimentares regionais de 1955 elaborados pela Direcção-Geral de Saúde. Como daí para cá tem piorado o nível de vida do povo português e se tem agravado o abismo entre pobres e ricos, não duvidamos de que a situação se apresente hoje ainda mais difícil para a grande massa. Ora vejamos:

As famílias ricas, residentes no Minho, consumiam em média e por indivíduo 3.602 calorias diárias, mas as famílias pobres deviam contentar-se com 1.986; portanto praticamente metade e muito abaixo do mínimo vital. As famílias pobres do Douro Litoral consumiam 2.345 calorias, um número mais aceitável, mas as ricas da mesma província consumiam 4.541, o que significa que

(continua na 3.ª Pág.)